

# REVISTA PORTUGUESA de HISTÓRIA

tomo XXXIII

Portugal e Brasil  
Rotas de Culturas  
Volume I



COIMBRA 1999

FACULDADE de LETRAS  
da UNIVERSIDADE de COIMBRA  
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

## **Empresas têxteis no Rio de Janeiro de capital acionário português: 1880-1913. Uma contribuição ao estudo da historia empresarial no Brasil**

ALMIR PITA FREITAS FILHO  
**Instituto de Economia / UFRJ**  
MARGARETH GUIMARÃES MARTINS  
**Depto. de Historia - PUC/RJ**

*A admirável expansão comercial dos portugueses no Brasil tinha necessariamente que ser seguida de igual manifestação de atividade na indústria.*

*O surto notável que a indústria dirigida, criada e mantida pelos portugueses no Brasil alcançou, é o mais belo exemplo que pode fornecer um povo cujas qualidades raciais em vez de se obliterarem com o decorrer do tempo, exuberantemente se afirmam e se manifestam num dos elementos económicos onde mais se necessitam e se impõem os requisitos de longa e desassomburada iniciativa.*

**(Raul Martins, *Os Portugueses na indústria, 1929*)**

### **Introdução**

Dentre os diversos aspectos da presença portuguesa no Brasil, este artigo destaca sua participação na vida económica do Rio de Janeiro,

mais particularmente enquanto acionistas na indústria têxtil de algodão, uma atividade que se expandiu na capital do país a partir da década de 1870.

A origem do capital, assim como sua nacionalidade, são temas de grande relevância para o estudo da indústria em países como o Brasil, de economia fortemente dependente do desempenho da atividade agro-exportadora. A despeito desta determinante, as atividades urbano-industriais se desenvolveram no país desde meados do século XIX. Esse processo foi incrementado a partir de 1870, em especial no Rio de Janeiro, centro político-administrativo, comercial e financeiro do Império. O expressivo crescimento industrial nesta cidade, transformou-a no principal núcleo fabril do país, condição que manteve até a primeira década do século XX. Neste contexto, destacou-se a fabricação de tecidos.

A compreensão tanto deste pioneirismo, quanto da perda de sua liderança para a indústria de São Paulo na década de 1920, passa, necessariamente pelo exame da origem dos estabelecimentos fabris, características e formas de ação dos agentes envolvidos neste processo, em especial os industriais.

Uma série de investigações sobre as origens da indústria no Brasil, dos industriais, assim como suas formas de pensamento, estratégias de ação voltadas para o crescimento e dinamização de seus negócios surgiram nas últimas décadas. Tais estudos têm identificado uma origem bem mais complexa e diversificada do capital industrial, em relação ao caso paulista, oriundo principalmente do comércio exportador de café<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> **Ana Maria F. da Costa Monteiro**, *Empreendedores e investidores em indústria têxtil no Rio de Janeiro: 1878-1895. Uma contribuição para o estudo do capitalismo no Brasil*, Niterói, ICHF, UFF, 1985 (Dissertação de mestrado). **Fernando A. Faria**, *Três apitos. Estudo sobre a gênese e expansão da Companhia Progresso Industrial do Brasil, 1889-1930*, Niterói, ICGF/UFF, 1985 (Dissertação de mestrado). **Márcio de Oliveira**, *Bangu: da fábrica-fazenda e cidade-fábrica a mais uma fábrica na cidade, Rio de Janeiro*, Instituto de Geociências, UFRJ, 1991 (Dissertação de mestrado). **Maria**

No Rio de Janeiro predominaram os vínculos do capital industrial com o comércio exportador e importador de tecidos e roupas e do capital bancário, assim como a presença dos investidores de nacionalidade portuguesa.

Neste artigo procuramos resgatar a tradição de uma investigação revisionista, tratando da presença do elemento de nacionalidade portuguesa no processo de expansão da indústria do Rio de Janeiro, antiga capital do país, entre 1870 e 1913, no ramo de fabricação de tecidos de algodão. Para tanto, destacamos, por um lado, alguns aspectos da imigração portuguesa para o Brasil e sua relação com o crescimento industrial verificado no país desde fins do século XIX. Por outro lado, analisamos a participação de investidores de nacionalidade portuguesa em três empresas de fabricação de tecidos de algodão.

A hipótese geral que permeia esse trabalho é a de que um país de economia exportadora é mais permeável à presença e influência do elemento de origem estrangeira, particularmente em centros urbanos como o Rio de Janeiro do século XIX. A sociedade carioca foi um palco privilegiado no processo de enraizamento dos interesses comerciais e políticos da antiga metrópole, aqui instalados desde a vinda de D. João VI em 1808. Neste sentido as atividades urbanas e fabris foram parte importante deste movimento de integração dos imigrantes lusos.

**Teresa R. Oliveira Versani**, *The cotton textile industry of Minas Gerais, Brazil: beginnings and early development, 1868-1906*, University of London, 1991 (Ph.D. Thesis). **Sérgio de Oliveira Birchal**, *Entrepreneur and the formation of a business environment in nineteenth-century Brazil: the case of Minas Gerais*, University of London, 1994. (Ph.D. Thesis). **Sandra Jatahy Pesavento**, *A burguesia gaúcha, Dominação do capital e disciplina do trabalho. (RS: 1889-1930)*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988. **Elizabeth von der Weid e Ana Marta R. Bastos**, *O Fio da meada. Estratégia de expansão de uma indústria têxtil, Cia América Fabril, 1878-1930*, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, Confederação Nacional da Indústria, 1986.

### **Os imigrantes portugueses no Brasil (final do século XIX a 1930)**

Os portugueses, obviamente por suas ligações históricas e culturais com a ex-colônia, formaram, ao longo do século XIX, um importante contingente de imigrantes para o Brasil.

Como nos ensinou um velho historiador brasileiro, até a primeira metade do século XIX, uma parte do povoamento do território se realizou à *“mercê do afluxo espontâneo de colonos brancos (portugueses na sua quase totalidade), da importação de escravos africanos, e, finalmente, da incorporação de indígenas”*<sup>2</sup>.

No entanto, a partir da segunda metade do século passado até a I Guerra Mundial, o Brasil conheceu a imigração em massa. Os problemas inerentes à transição do trabalho escravo para o livre, que levaram ao apoio sistemático do Governo e de fazendeiros, somados à corrente migratória saída de países europeus devido à chamada Grande Depressão (1870-1895), contribuíram para o incremento da migração em direção ao país.

Embora as estatísticas da época sejam bastante deficientes, algumas estimativas foram realizadas e nos serviram como parâmetros. Entre os dados sobre a vinda de portugueses para o Brasil, no período estudado, estão os compilados por Nunes Simões, segundo o qual, depois de ter quase paralisado o fluxo de imigrantes portugueses nos anos que se seguiram à Independência do Brasil:

*(...) em 1853 atinge, de súbito, 8.329 indivíduos. De 1853 a 1887, o mínimo foi de 4.000 e o máximo de 10.000 emigrantes. Em 1888 vai a 18.289. De 1901 a 1910, pode dizer-se que a nossa emigração*

<sup>2</sup> Prado Junior, Caio, *História Económica do Brasil*, 22ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1979, p. 183.

## Empresas têxteis no Rio de Janeiro

para o Brasil aumenta sempre: 11.261 no primeiro desses anos; 30.857 no último. (...)

A 1910 seguem-se os grandes números alarmantes dos primeiros anos da República: 1911: 47.493 emigrantes; 1912: 74.860; 1913: 64.407.

A Grande Guerra interrompe o fluxo assustador. Deseje a imigração legal durante os anos que ela durou, para menos de 10.000 indivíduos em média anual. Terminada ela, porém, o caudal continua.

Em 1920 é já de 33.641 \

As estatísticas disponíveis, mostram que mesmo sendo superados pelos italianos em muitos momentos, os portugueses sempre foram um importante segmento de estrangeiros que chegavam ao Brasil.

### Quadro 1

#### IMIGRAÇÃO LÍQUIDA: BRASIL, 1881-1930 (EM MILHARES)

	Chegadas	Portugueses %	Italianos %	Espanhóis %	Alemães %	Japoneses %
1881-1885	133.4	32	47	8	8	-
1886-1890	391.6	19	59	8	3	-
1891-1895	659.7	20	57	14	1	-
1896-1900	470.3	15	64	13	1	-
1901-1905	279.7	26	48	16	1	-
1906-1910	391.6	37	21	22	4	1
1911-1915	611.4	40	17	21	3	2

Fonte: Bethell, L. (ed.) *The Cambridge History of Latin America*, vol. IV, p. 131. Apud Fausto, B. *Historia do Brasil* - 5ª ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Fundação de Desenvolvimento da Educação, 1997, p. 275. <sup>3</sup>

<sup>3</sup> Simões, Nuno, *O Brasil e a emigração portuguesa: notas para um estudo*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934, pp. 31-33.

Apesar da sua significativa presença no Brasil, é importante observar que a assimilação da imigração portuguesa não foi feita de maneira simples. Em primeiro lugar, havia um considerável número de analfabetos entre os que vinham se estabelecer no país, para os quais eram deixadas as atividades mais ligadas à economia tradicional. Em segundo lugar, muitos vinham de regiões agrárias, embora encontrassem mais oportunidades de trabalho nas áreas urbanas, ainda que o Brasil, por esta época, fosse um país essencialmente agrícola. Somente em 1929, o decreto n.º 16.782 do Ministério da Instrução de Portugal viria proibir a saída de analfabetos, como forma de “evitar tudo que possa contribuir para o desprestígio da Nação”<sup>4</sup>. Até então, os portugueses desqua-

**Quadro 2**

PERCENTAGEM DE ANALFABETOS - SÃO PAULO - 1908 - 1931 (%)

Nacionalidade	%
Alemães	0
Japoneses	0
Romenos	0
Iugoslavos	0
Austríacos	4
Poloneses	5
Brasileiros	10
Lituanos	15
Italianos	26
Portugueses	49
Espanhóis	60

Fonte: *O Diário Popular de S. Paulo*, de 11 de abril de 1933. Apud, Simões, Nuno, *ob. cit.*, p. 98.

<sup>4</sup> *Idem, Ibidem*, p. 94.

lificados que chegavam ao Brasil, não só se dedicavam à profissões ligadas aos setores menos dinâmicos da economia, bem como reforçavam o preconceito para com os mesmos.

Entretanto, em estudo recente, Eulália Lobo<sup>5</sup> destacou que, apesar de sua origem rural, os imigrantes portugueses tenderam a se concentrar no Rio de Janeiro, capital do Império e da República. Ainda segundo a mesma autora, o movimento de entrada, entre os anos de 1875 a 1890 e de 1890 a 1906/7, aumentou de 270 mil para 400 mil. Em 1900, dos 40.300 indivíduos que emigraram, 13.804, ou seja, 34,2%, se fixaram no Rio de Janeiro, contribuindo para o forte crescimento populacional que ocorreu na cidade<sup>6</sup>.

Com base no Censo do Rio de Janeiro de 1906, a mesma autora assinalou que a porcentagem de analfabetos entre os imigrantes portugueses era de 44,3%, frente a 48,7% dos brasileiros, 52,9% dos italianos e 38,1% dos espanhóis<sup>7</sup>.

Além disso, as relações conflituosas existentes desde a época da Independência perduraram, ainda que suas manifestações tenham sido mais latentes que efetivas. Entre as idéias negativas sobre imigrantes portugueses estavam, por exemplo, a de que eram simples aventureiros, que voltavam imediatamente para seu país logo que obtivessem algum ganho, ou ainda a associação dos mesmos com a ganância e a carestia, certamente gerada por suas fortes ligações com comércio varejista<sup>8</sup>.

<sup>5</sup> Lobo, Eulália M. L., *Portugueses en Brazil en el siglo* Madrid, Editora Mapfre, 1994, p. 20.

<sup>6</sup> *Idem, idem*, p. 28-29.

<sup>7</sup> *Idem, idem*, p. 25-26.

<sup>8</sup> Ver, por exemplo, Maria Beatriz Niza da Silva, *Documentos para a Historia da Imigração Portuguesa no Brasil. 1850-1938*, Rio de Janeiro, Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, 1992, pp. XVIII - XIX.

No período estudado houve, pelo menos, um tipo de lusofobia mais sistemática, desenvolvida sob a influência do Marechal Floriano Peixoto, que assumira o poder em 1891. Com base na força e em um “*sentimento nacionalista, que o leva à defesa intransigente da segurança ou à construção de um país forte e economicamente emancipado, através da indústria, superadora das antigas limitações e vantagens, com proveito só para a agricultura e seus poucos exploradores...*”<sup>9</sup>. Apoiados nestas idéias, em tomo dele juntaram-se os chamados jacobinos ou florianistas, formados por “*oficiais subalternos, cadetes, burocratas e funcionários públicos dos escalões inferiores, estudantes, profissionais liberais, empregados de escritórios, jornalistas e similares*”<sup>9 10</sup>, que concentravam o ódio em relação aos portugueses. Como bem resume o movimento Jeffrey D. Needell:

*Essas categorias, assim como todos os assalariados urbanos haviam sofrido terrivelmente no último terço do século e não lhes faltaram porta vozes que lhes apontassem os culpados. O aumento do custo de vida, a falta de oportunidades ou de garantia de emprego, o nepotismo e o desemprego generalizados, os impostos escorchantes e o atraso econômico - a responsabilidade de tudo isso foi atribuída aos representantes políticos dos fazendeiros e dos grandes comerciantes. Os movimentos abolicionista e republicano, enquanto bandeiras do progresso e da redenção nacional, encontraram entre esses habitantes da cidade seus mais firmes defensores durante a década de 1880. Efoi justamente entre eles que a República passou a recrutar sua tropa de choque e seus partidários mais entusiastas, no momento em que se viu ameaçada por rebeliões que logo assumiam teor monarquista, ou eram acusadas de o fazer. A esse fato aliava-se o ressentimento popular contra os portugueses, típicos empresários*

<sup>9</sup> Iglésias, Francisco, *Trajatória Política do Brasil: 1500-1964*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p. 202.

<sup>10</sup> Needell, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p. 32.

*e comerciantes, urbanos, tidos como pelos cariocas como parasitas e obstáculos para as aspirações económicas e políticas brasileiras.*

*A lusofobia e o ódio ao Anden Régime eram aspectos de um movimento que também defendia o ideal de um Brasil autoritário, centralizado, industrial e moderno, desfrutando da expansão da economia e do avanço social<sup>11</sup>.*

Apesar da década lusófoba (1890) e da presença de sentimentos antilusitanos entre certos segmentos da população brasileira, os portugueses que vieram para o país, ocupavam-se “*em todos os ramos da atividade*”<sup>11</sup> 12. O caráter urbano dessa imigração foi assinalado por Boris Fausto:

*Em 1920, havia 65 mil portugueses na cidade de São Paulo, representando 11% da população total; os números subiam a 172 mil no Rio de Janeiro, correspondendo a 15% da população. Esses dados não significam que imigrantes portugueses não se tenham destinado para a lavoura de café e a agricultura em geral. Mas eles ficaram mais conhecidos por seu papel no pequeno e grande comércio, assim como na indústria<sup>13</sup>.*

Os dados do final da década de 1920 e início da de 1930, presentes no Quadro 3 indicam porque:

*o Rio de Janeiro já foi classificada pelo Sr. Alberto de Oliveira como a segunda cidade de Portugal. A sua população portuguesa é superior à do Porto. Chegou a ser calculada em 450.000 portugueses. Em S. Paulo, deve haver mais de 90.000 portugueses apesar de o censo de 1930 acusar apenas 64.687. Em Santos diz-se que há mais de 40.000. Mas fora desses agregados, em todos os estados, nas cidades como aldeias, há portugueses<sup>14</sup>.*

<sup>11</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 32-33. O grifo é nosso.

<sup>12</sup> Simões, Nuno, *op. cit.*, p. 38.

<sup>13</sup> Fausto, Boris, *op. cit.*, p. 280.

<sup>14</sup> Simões, Nuno, *op. cit.*, p. 41.

**Quadro 3**

**DISTRIBUIÇÃO DE IMIGRANTES PORTUGUESES NO BRASIL - 1929**

Estado	Número de Imigrantes
Distrito Federal	272.338
Rio de Janeiro	31.527
São Paulo	281.418
Mato Grosso	1.572
Goiás	334
Minas Gerais	20.050
Rio Grande do Sul	9.324
Santa Catarina	556
Paraná	1.988
Espírito Santo	1.900
Bahia	3.679
Sergipe	137
Alagoas	260
Pernambuco	5.289
Paraíba	144
Rio Grande do Norte	89
Ceará	325
Piauí	72
Maranhão	687
Pará	15.631
Amazonas	8736

Fonte: Carinhas, Teófilo (org.). *Álbum da colônia portuguesa no Brasil*, Rio de Janeiro, Carinhas, 1929.

Diante desta concentração no Distrito Federal, uma parcela significativa veio destes imigrantes veio a fazer parte da elite e do empresariado do Rio de Janeiro. Afinal, como destaca Eulália Lobo, a porcentagem de estrangeiros em relação à população em geral, era semelhante à encontrada entre as elites industriais. Sendo que no caso

do Rio de Janeiro, esta era particularmente alta, chegando, por exemplo, a 31% por volta de 1872<sup>15</sup>.

A expressividade numérica indica que havia espaço para a integração de imigrantes no seio da elite local. Em primeiro lugar, as elites nacionais, em geral vinculadas à grande propriedade rural, tinham como opção as profissões liberais como mecanismo de manutenção ou obtenção de status e de poder político. Portanto, em uma sociedade escravista, na qual o trabalho era fortemente associado ao desprestígio social, o bacharelado em Direito, ou a Medicina eram opções muito mais aceitáveis que a dedicação à uma carreira empresarial. Neste sentido, sempre houve um espaço aberto aos imigrantes nas atividades ligadas aos negócios propriamente ditos.

Por isto mesmo, como demonstra o estudo de Eugene W. Riddings, a elite ligada aos negócios no Brasil não era formada por brasileiros, embora sua participação tenha aumentado a partir do final do século XIX. Ainda segundo o mesmo estudo, os portugueses eram a maioria da elite empresarial no Brasil daquela época. Embora essa dominância quantitativa não significasse uma preponderância econômica<sup>16</sup>, ainda assim foi particularmente importante na cidade do Rio de Janeiro

A assimilação das elites empresariais portuguesas pelas elites locais, foi feita com ampla facilidade, não esbarrando seriamente no preconceito ou na lusofobia que atingia os segmentos mais populares. No caso do Rio de Janeiro, Jeffrey D. Needell observou que:

<sup>15</sup>Lobo, Eulália Maria L, *História do Rio de Janeiro*, 2 vol., Rio de Janeiro, IBMEC, 1978, p. 470. *Idem*, *Portugueses en Brazil en el siglo XX*, *op. cit.*, p. 14 e segs.

<sup>16</sup> Riddings, Eugene W. "Business, nationality and dependency in late Nineteenth Century Brazil", in *Journal of Latin American Studies*, Cambridge, Cambridge University Press, vol 14, part I, may, 1992, p. 85.

*Os portugueses (...), freqüentemente se casavam com moças da elite brasileira, tendo fundado algumas das dinastias mais importantes (...). Esta evidente harmonia entre brasileiros e portugueses no plano da alta sociedade,(...), tem uma base firme nos interesses económicos comuns aos dois grupos, em grande parte definidos ao longo do século XIX<sup>17</sup>.*

Como demonstra o autor, o fato de freqüentarem as mesmas escolas, clubes e salões e, muitas vezes fazerem parte das mesmas famílias, traduzia o sucesso comercial dos imigrantes portugueses<sup>17 18</sup>.

**Quadro 4**  
OCUPAÇÕES DAS ELITES EMPRESARIAIS NO COMÉRCIO ULTRAMARINO  
POR NACIONALIDADE

	Açúcar e Rum	Café	Comissões Comerciais	Roupas	Artigos de Ferro	Vinho	Total
<b>1871-72</b>							
<b>Brasileiros</b>	2 (8%)	59 (49%)	39 (23%)	25 (16%)	13 (21%)	16(12%)	154 (23%)
<b>Portugueses</b>	23 (88%)	60 (50%)	81 (48%)	70(40%)	30 (49%)	109 (84%)	376 (56%)
<b>Outros Estrangeiros</b>	1	2(2%)	47 (28%)	65 (41%)	18 (30%)	5 (4%)	138 (21%)
<b>Total</b>	26	121	167	160	61	130	665
<b>Nacionalidades Proeminentes**</b>				31 (19%) Ingl.	11(18%) Ingl.		

<sup>17</sup> Needel, Jeffrey D., *op. cit.*, p. 115. Os grifos são nossos.

<sup>18</sup> *Idem, Ibidem.*

Empresas têxteis no Rio de Janeiro

	Açúcar e Rum	Café	Comissões Comerciais	Roupas	Artigos de Ferro	Vinho	Total
<b>1885-86</b>							
Brasileiros	9 (22%)	77 (43%)	36 (42%)	11(8%)	5 (9%)	3 (3%)	141 (24%)
Portugueses	32 (78%)	84 (47%)	33 (38%)	53(40%)	35 (66%)	85 (92%)	322 (55%)
Outros Estrangeiros	0	17 (10%)	17(20%)	67 (41%)	13 (25%)	4(4%)	118(20%)
<b>Total</b>	<b>41</b>	<b>178</b>	<b>86</b>	<b>131</b>	<b>53</b>	<b>92</b>	<b>581</b>
<b>Nacionalidades</b>				24(18%)	6(11%) Ingl.		
<b>Proeminentes**</b>				Ingl. 22(17%) Alem.			

	Açúcar e Rum	Café	Comissões Comerciais	Roupas	Artigos de Ferro	Vinho	Total
<b>1898</b>							
Brasileiros	11 (37%)	90(49%)	77 (38%)	44 (27%)	22 (32%)	30(13%)	274 (31%)
Portugueses	19(88%)	79 (43%)	86 (42%)	83(50%)	34 (49%)	188 (84%)	489 (56%)
Outros Estrangeiros	0	14(8%)	42 (20%)	38 (23%)	13 (19%)	5 (2%)	112(13%)
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>183</b>	<b>205</b>	<b>165</b>	<b>69</b>	<b>223</b>	<b>875</b>
<b>Nacionalidades</b>							
<b>Proeminentes**</b>							

Fonte: Ridings, Eugene W. *op. cit.*, pp. 64-65.

Tradicionalmente vinculados ao capital comercial, os empresários portugueses, do Rio de Janeiro, quando optaram pelo investimento industrial, encontraram um quadro análogo ao traçado por José de Souza Martins para os imigrantes italianos em São Paulo, ou seja:

*A verdade é que o imigrante que se tornou empresário já se defrontou com um quadro de relações e oportunidades económicas praticamente definido. É preciso não esquecer de que ele veio para o Brasil pela mão e pelo interesse de uma burguesia agrária e comercial, aliada ao comércio e aos bancos internacionais, cujo inter-relacionamento caracterizava o que se definiu como economia colonial^ uma economia exportadora de produtos agropecuários e importadora de manufaturados. Um autor [Michael M. Hall] definiu as transformações dessa época de modo claro, dizendo que elas ocorreram basicamente para fortalecer e não para modificar as estruturas das relações económicas coloniais”<sup>19</sup>.*

**Quadro 5**  
CONTRIBUINTE DO IMPOSTO SOBRE AS INDÚSTRIAS E PROFISSÕES NA  
CIDADE DO RIO DE JANEIRO POR NACIONALIDADE - 1871-1898

	Brasileiros	Portugueses	Outros Estrangeiros	Total
1871-72	1.680(19%)	6.333(71%)	930(10%)	8.943
1874-75	1.817(19%)	6.872(70%)	1.061(11%)	9.750
1884-85	2.134(20%)	7.471(69%)	1.180(11%)	10.785
1888	2.526(22%)	7.634(67%)	1.190(10%)	11.350
1895	3.742(28%)	7.837(58%)	1.808(14%)	13.387
1898	4.396(28%)	9.113(58%)	2.080(13%)	15.589

Fonte: Ridings, Eugene W., ‘Business, nationality and dependency in late Nineteenth Century Brazil’, in *Journal of Latin American Studies*, Cambridge, Cambridge University Press. Vol. 14. Part I, may, 1992, pp. 80.

<sup>19</sup> Martins, José de Souza, “Empresários e trabalhadores de origem italiana no desenvolvimento industrial brasileiro entre 1880e1914:o caso de São Paulo”, in *Dados: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol., 24, n. 2, 1981, p. 246.

A proeminência portuguesa no empresariado industrial carioca indicava a existência de uma certa divisão do espaço económico para os segmentos mais ricos da sociedade. A elite local se dedicava às atividades agro-pecuárias, às profissões liberais, e aos altos postos da política e da administração pública. Finalmente as empresas estrangeiras, especialmente as britânicas, se encarregavam dos investimento em áreas mais dinâmicas, tais como estradas de ferro, bancos, companhias de navegação.

### **Empresas têxteis de algodão e capital acionário português no Rio de Janeiro, 1870-1913**

O final da década de 1870 e os anos de 1880 registraram um aumento nos investimentos industriais e no número de estabelecimentos fabris criados no Brasil. O Censo de 1920 atestou a importância dessas décadas assinalando que mais de 26% dos capitais investidos nos estabelecimentos fabris existentes naquela data foram realizados entre 1880 e 1894. Por isso mesmo M. Queirós considerou os últimos anos do Império e os primeiros da República no Brasil como de *“um rápido e dinâmico surto manufatureiro, um dos maiores e dos mais importantes de toda nossa história económica”*<sup>20</sup>.

Vários fatores explicam esse quadro como, por exemplo, a política tarifária protecionista, a Tarifa de 1879; as freqüentes oscilações cambiais; assim como a política monetária expansionista iniciada no final do Império<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> Queirós, M. Vinhas, “O Surto industrial de 1880-1895”, in *Debate e Crítica*, n.º 6, julho 1975, p. 95, São Paulo, Hucitec, pp. 95-104.

<sup>21</sup> Stein, S., *Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil, 1850-1950*, Rio de Janeiro, Campus, 1979, pp. 77-87; 91-105. LUZ, Nícia V, *A luta pela industrialização no Brasil*, 2ª ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1975, pp. 49-66. Versiani, Flávio R, “Industrialização e economia de exportação: a experiência brasileira antes de 1914”, *Revista Brasileira de Economia*, 34(1):3-40, jan./mar. 1980.

O aumento dos investimentos foi favorável ao ramo têxtil de algodão, que, além das novas instalações, iniciou um processo de diversificação. Outros ramos também foram beneficiados, tais como o de alimentos, bebidas e metal mecânica. O crescimento da economia exportadora e a elevação da receita permitiu, por sua vez, um aumento das importações de máquinas<sup>22</sup>.

O período mais significativo para a indústria do Rio de Janeiro ocorreu entre as décadas finais do século XIX até às vésperas da Primeira Guerra. Nesta época, a cidade era o principal centro manufatureiro do Brasil. Segundo o Inquérito Industrial de 1907, a indústria carioca era a primeira em valor de produção, no uso da força motriz e no número de operários empregados<sup>23</sup>. Dentre os grupos de indústria arrolados, destacava-se o de Fiação e Tecelagem de Algodão: eram 22 estabelecimentos que empregavam 10.281 operários (29,5%), possuíam um capital de 76.032 contos (45,5%), e valor da produção de 42.840 contos, correspondendo a 19,6% do total local<sup>24</sup>. Em relação à força motriz apurada, um total de 22.272 c.v., as indústrias de fiação dispunham de 10.757, ou seja, 48,3% do valor recenseado para o Rio de Janeiro. O Inquérito apurou para todo o País, cerca de 109,284 c.v., correspondente ao uso do vapor, água, eletricidade, gás ou querosene. Os 22.272 c.v. usados pelas indústrias cariocas correspondiam a 20,4% daquele total, embora existissem estabelecimentos que declararam apenas a natureza da força motriz empregada, sem fornecer a quantidade<sup>25</sup>.

<sup>22</sup> Graham, Richard, *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil, 1850-1914*, São Paulo, Brasiliense, 1973, pp. 131-165. Suzigan, Wilson, *Indústria brasileira, Origem e desenvolvimento*, São Paulo, Brasiliense, 1986, pp. 74-115.

<sup>23</sup> As deficiências deste Inquérito foram reconhecidas pelos próprios promotores, que destacaram as dificuldades na obtenção de informações que permitissem traçar um quadro, o mais fiel possível, da situação industrial do País, Centro Industrial do Brasil, *O Brasil. Suas Riquezas Naturais. Suas Indústrias*, Rio de Janeiro, Tip. De J.M. Orosco & Co., 1909, vol. m, pp. 255-256.

<sup>24</sup> Centro Industrial do Brasil, *op. cit.*, p. 267.

<sup>25</sup> *Idem, idem, op. cit.*, pp. 270 -271.

O exame da origem do capital industrial, em particular no ramo de fabricação têxtil, mostrou que, no Rio de Janeiro os principais agentes responsáveis pelos investimentos pertenciam ao comércio de importação e exportação de tecidos e roupas. O sucesso desta indústria, menos dependente do desempenho da produção cafeeira, esteve vinculado à sua capacidade de penetração no mercado nacional.

A forte presença do capital comercial na origem da indústria do Rio de Janeiro, constatada por S. Stein, foi, posteriormente, investigada de forma mais detalhada por Ana Monteiro<sup>26</sup>, nas fábricas listadas no quadro a seguir:

**Quadro 6**  
ESTABELECIMENTOS TÊXTEIS FUNDADOS NO RIO DE JANEIRO  
ENTRE 1878/1895

ESTABELECIMENTO	ÉPOCA DE FUNDAÇÃO	PROPRIETÁRIO
Fábrica de Tecidos São Lázaro	1877	José Maria Teixeira de Azevedo
Fábrica de Tecidos Pau Grande	1878	Santos, Peixoto & Cia.
Fábrica de Tecidos do Rink	1879	Frederico Glette
Fábrica de Fiação, Tecidos e Tinturaria Alliança	1880	Laranjeira, Silva & Whittaker
Fábrica Bonfim	1882	Marques da Costa & Cia
Fábrica Carioca	1884	Bandeira Steele & Cia.
Fábrica São João	1886 (?)	Hall & Bellamy
Cia. Fábrica de Tecidos de São Cristóvão	1888	Silva & Lowndes
Cia de Fiação e Tecelagem Confiança Industrial	1887	Manuel de Salgado Zenha e Francisco Tavares Bastos
Cia Progresso Industrial do Brasil	1893	Banco Rural e Hipotecário e Bco. Internacional do Brasil
Cia de Fiação e Tecidos Corcovado	1889	Visconde de Figueiredo e Cândido da Cunha Sotto Maior
Companhia de Fiação e Tecidos São Félix	1891	Affonso de Lamare

Fonte: Monteiro, Ana Maria F da Costa. Op. cit., pp.. 95-96.

<sup>26</sup> Monteiro, Ana Maria da Costa, *op. cit.*, Stein.,S. *op. cit.*, pp. 77-87.

As empresas acima arroladas possuíam um total de 426 acionistas fundadores, dentre os quais a autora identificou 72,4%. Do total, 47,4% era constituída por elementos ligados às atividades comerciais não cafeeiras. Os comerciantes tinham uma participação percentual superior a 50% no capital em oito das doze empresas estudadas, sendo que em duas - Corcovado e Alliança -, ultrapassavam 90%<sup>27</sup>.

Monteiro examinou ainda a nacionalidade de 398 dos 426 acionistas, e constatou que 23,9% era de origem portuguesa. Vinha em seguida, com 20,7%, os de origem nacional, destacando-se ainda a presença de capitais britânicos e alemães, com 7% e 2.3% respectivamente<sup>28</sup>. Tais dados confirmam o estudo pioneiro de Stein, segundo o qual:

*A partir de 1880, alguns importadores portugueses de produtos de algodão julgaram conveniente para os seus negócios subsidiar a indústria local, fornecendo créditos em troca de acordos comerciais exclusivos ou quase exclusivos. (...). Trouxeram para as fábricas já estabelecidas e para os novos empreendimentos não só recursos financeiros obtidos no comércio, como um outro bem tão importante quanto este: o profundo conhecimento do mercado de tecidos brasileiros. O Rio de Janeiro, convém lembrar, era não só um grande centro produtor de tecidos de algodão, como também o centro de distribuição de produtos têxteis para todo o país<sup>29</sup>.*

<sup>27</sup> Monteiro, Ana M. F. da Costa, *op. cit.*, p. 290.

<sup>28</sup> *Idem, idem*, p. 301.

<sup>29</sup> Stein, S., *op. cit.*, p. 82 (grifos nossos).

**Quadro 7**

**EMPRESAS TÊXTEIS DE ALGODÃO. ACIONISTAS POR NACIONALIDADE**

COMPANHIA/ NACIONALIDADE	Portuguesa			Brasileira			Outra			Não ident.			TOTAL		
	N.º	Ações	%	N.º	Ações	%	N.º	Ações	%	N.º	Ações	%	N.º	Ações	%
SÃO LÁZARO	2	1010	45	8	330	15	-	-	-	27	910	40	37	2250	100
PAU GRANDE	5	525	26	5	1425	71	-	-	-	1	50	3	11	2000	100
RINK (*1)	-	-	-	2	250	5	10	4325	86	3	425	9	15	5000	100
ALLIANÇA	4	7220	90	-	-	-	-	-	-	5	780	10	9	8000	100
BOMFIM	2	400	20	2	750	37	-	-	-	8	850	43	12	2000	100
CARIOCA (*2)	1	133	3	6	1400	28	11	3467	69	-	-	-	18	5000	100
SÃO JOÃO (*3)	-	-	-	1	75	3	7	1475	54	7	1200	43	15	2750	100
SÃO CRISTÓVÃO	2	30	2	8	1093	73	4	377	25	-	-	-	14	1500	100
CONFIANÇA	10	610	20	15	645	22	1	150	5	22	1595	53	48	3000	100
PROG. IND.	20	3120	21	19	1895	12,5	1	100	0,5	87	9890	65,5	127	15000	100
CORCOVADO	55	9565	80	17	1435	12	7	900	7,5	1	50	0,5	80	12000	100
SÃO FÉLIX	1	-	-	5	-	-	3	-	-	31	-	-	40	-	-

Fonte: Monteiro, Ana M. E da Costa, *op. cit.*, pp. 302-303, tabela XXII.

(\*1) - A nacionalidade dos acionistas majoritários era alemã.

(\*2) - A nacionalidade dos acionistas majoritários era inglesa.

(\*3) - *Idem*.

A análise do quadro acima permite indicar que, em duas empresas - Confiança e Progresso Industrial - os acionistas de nacionalidade não identificada controlavam, respectivamente, 53% e 65% do total das ações. Porém, deve ser considerado o fato de que estes percentuais incluíam ações de dois bancos. Na Companhia Confiança Industrial, o Banco Comercial do Rio de Janeiro possuía 500 ações, ou seja, 31,3%<sup>30</sup>.

<sup>30</sup> Monteiro, Ana M. F. da Costa, *op. cit.*, p. 304.

Já na Progresso Industrial, além do Banco Comercial do Rio Janeiro, que também dispunha de 500 ações, estava presente o Banco Internacional do Brasil, acionista majoritário com 3423 ações, correspondendo a 28,8% do capital. Os dois bancos detinham, ao todo, 3923 ações<sup>31</sup>.

Nas Companhias Bomfim e São João era de 43% o percentual de acionistas de nacionalidade ignorada. Nesta última, assim como na Companhia Carioca, o capital acionário britânico eram majoritário, com, respectivamente, 54 e 69% do total das ações.

Na Companhia Rink era majoritário o capital alemão, correspondendo a 86% do total das ações. Esta foi a única dentre as 12 empresas fundadas no período onde não foram identificados acionistas de nacionalidade portuguesa.

Acionistas brasileiros estavam presentes em todas as companhias têxteis selecionadas no Quadro 7, constituindo o capital majoritário em duas delas, a Pau Grande (71%) e a São Cristóvão (73%). A Fábrica Pau Grande, instalada na Fazenda de mesma denominação, se localizava na Raiz da Serra de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro. Sua inclusão na listagem deve-se ao fato de que, em 1892, veio a constituir a Companhia América Fabril, ocasião em que o capital acionário de nacionalidade portuguesa se tomou preponderante<sup>32</sup>.

O capital acionário português estava presente em 10 das 12 companhias têxteis organizadas no período na cidade do Rio de Janeiro. Era majoritário em três delas: a Companhia Fábrica de Tecidos São Lázaro (45%); a Cia. de Fiação e Tecelagem Aliança (90%); e a Cia. de Fiação e Tecelagem Corcovado (80%).

Em razão das condições acima, concentramos nosso estudo nestas três empresas, considerando suas características, desempenho e

<sup>31</sup> *Idem, idem*, p. 304 e Faria, Fernando A., *op. cit.*, p. 72.

<sup>32</sup> Para maiores detalhes ver: Stein, S., *op. cit.*, pp. 47-8 e Weid, Elizabeth von der e Bastos, Ana Marta R., *op. cit.*, pp. 44-80.

participação no conjunto do ramo têxtil da cidade do Rio de Janeiro até o início da Primeira Guerra Mundial.

### Companhia São Lázaro

Criada em 1878 e de propriedade do negociante português José Maria Teixeira de Azevedo, a Fábrica São Lázaro, se localizava no bairro de São Cristóvão, Município do Rio de Janeiro. Em 1882, segundo o Relatório da Comissão de Inquérito encarregada de investigar a situação das indústrias no país, o estabelecimento, que se encontrava paralisado na ocasião, fabricava tecidos e meias. Para tanto, contava com 70 operários, 12 teares lisos e 9 para meias, além de um motor a vapor de pequena potência<sup>33</sup>. Seu proprietário, ligado ao ramo de importação e exportação, foi um dos sócios e dirigente da Associação Industrial, entidade criada em fins de 1880 para defender os interesses dos industriais frente ao governo Imperial. A fábrica participou, no final de 1881, da Exposição Industrial realizada sob os auspícios daquela Associação, sendo contemplada com um Diploma de Progresso<sup>34</sup>.

Segundo Monteiro<sup>35</sup>, a São Lázaro passou por três fases entre 1878 e 1895. A primeira como uma firma individual, de características ainda artesanais, utilizando teares manuais e trabalho doméstico, que durou de sua inauguração até 1887. Neste ano, iniciando uma segunda fase, transitou para a etapa fabril propriamente dita, passando a denominar-se

<sup>33</sup> O *Auxiliador da Indústria Nacional*, No. LI, 1883, Rio de Janeiro, Tip. de E. & Laemmert, 1883, p. 33.

<sup>34</sup> Biblioteca da Associação Industrial, *Relatório* apresentado à Assembléia Geral da Associação Industrial em sessão de 10 de junho de 1882 pela diretoria da mesma Associação, Rio de Janeiro, Tip. De G. Leuzinger & Filhos, 1882, pp. 3-4. *Idem. Archivos da Exposição da Indústria Nacional de 1881*, Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1882, pp. XVII e XCVII; Decreto Lei n.º 8006 de 26 de janeiro de 1881.

<sup>35</sup> Monteiro, A. M. F. da Costa, *op. cit.*, pp. 98-119.

Companhia Fábrica de Tecidos São Lázaro, ocasião em que dobrou o capital e expandiu sua produção. A terceira fase, iniciada na década de 1890, no contexto do Encilhamento<sup>36</sup>, caracterizou-se por um movimento de expansão e de fusão com outras companhias, passando a produzir bens que complementavam a fabricação de tecidos e roupas, um exemplo de rápida verticalização das atividades.

Nas duas primeiras fases a direção da empresa permaneceu nas mãos de J. M. Teixeira de Azevedo, seu principal acionista, possuidor de 1000 das 2500 ações que totalizavam o empreendimento. Após a fusão se manteve na diretoria, ocupando o cargo de Diretor-Secretário e Gerente Geral. A empresa, no entanto, foi duramente atingida com o fim do período de euforia que caracterizou os anos do Encilhamento. Em 1892 modificou seus estatutos, reduzindo seu capital de 40 mil para 22 mil contos de réis, além de ter extinto uma das companhias fundidas, a Companhia Terrenos e Construções.

A Companhia de Tecidos São Lázaro participou da Exposição Industrial de 1895, no Rio de Janeiro. Na ocasião, expôs grande variedade de produtos, dentre camisas de meia, lã e algodão, cobertores, fios de algodão natural; meias cruas e de cores; esteiras diversas<sup>37</sup>.

Daquela data em diante desapareceram as referências da Companhia. No levantamento de Cunha Vasco<sup>38</sup>, sobre as fábricas de fiação e

<sup>36</sup> Os anos de 1889/91 foram caracterizados por um elevação no meio circulante, crédito farto e um forte movimento especulativo, que facilitou a criação de sociedades anônimas. O fim desta fase de euforia especulativa e a crise que se seguiu ficou conhecida como Encilhamento. Ver: Stein, S., *op. cit.*, pp. 95-99. Suzigan, W., *op. cit.*, pp. 45-48.

<sup>37</sup> Cardoso, A. Lopes, *Exposição Industrial de 1895 no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Casa Montalverne, 1896, p. 212; Lobo, Eulália M. L., *História do Rio de Janeiro (...)*, *op. cit.*, 1978, p. 569.

<sup>38</sup> Vasco, Cunha, *A Indústria de algodão no Brasil*, in Centro Industrial do Brasil, *Boletim do Centro Industrial do Brasil*, Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio, 1905, vol. I, 1904-1905, pp. 363-384. Stein, S., *op. cit.*, p. 81.

tecelagem de algodão existentes no Brasil em 31 de julho de 1905, não aparece a Cia. de Tecidos São Lázaro. Provavelmente a empresa não foi capaz de vencer as barreiras comerciais que davam acesso aos mercados consumidores de tecidos. Um registro de 1892, apresentado por Stein, indica que a São Lázaro se envolvera numa luta concorrencial com importadores e intermediários pelo mercado de tecidos de algodão, e, “*soamente a intervenção governamental, sob a forma de taxas alfandegárias mais elevadas, salvou-a da falência*”<sup>39</sup>.

#### **Companhia de Fiação e Tecidos Aliança**

A Fábrica Aliança, entrou em funcionamento de 1880, e pertencia à firma Laranja, Silva & Whittaker, filiada à Associação Industrial. A sociedade eram composta por dois comerciantes portugueses, José Augusto Laranja e Joaquim Carvalho de Oliveira, e pelo inglês Henrique Whittaker. Os dois primeiros participavam com um capital de 160 contos de réis de um total de 200, ficando os restantes 40 com o sócio inglês que, dois anos após retirou-se da sociedade. Em janeiro de 1883 a firma passou a denominar-se Laranja, Silva e Companhia<sup>40</sup>.

Em 1881, por ocasião da Exposição Industrial da qual participou, a fábrica da Cia. Aliança contava com 100 teares, 5400 fusos e 210 operários. O capital era de 600 mil réis; a produção anual era de 2 mil metros de tecidos - grossos brancos e uma grande variedade de riscados, mesclados e axadrezados -, e consumia 400 toneladas de algodão. A força motriz empregada era de uma máquina a vapor de 320 cavalos de

<sup>39</sup> Stein, S., *op. cit.*, p. 81.

<sup>40</sup> Biblioteca da Associação Industrial. *Archivos da Exposição da Indústria Nacional de 1881*, Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1882, p. XCI-XCII; Lloyd, Reginald (dir.), *Impressões do Brasil no século XX*, Londres, Lloyd's Greater Britain Publishing Company Ltd., 1913, pp. 392-394. Monteiro, A. M. F. da Costa, *op. cit.*, pp. 143-155.

potência, uma característica dos estabelecimentos instalados nas áreas mais centrais da cidade do Rio de Janeiro. A fábrica, que inicialmente só se ocupava da tecelagem, informou que estava montando máquinas destinadas à fiação<sup>41</sup>.

Na Exposição de 1881 a fábrica expôs diversos produtos, considerados, pela *Gazeta de Notícias*, de “boa aparência tecidos com “igualdade e harmonia”, fato que revelava o “apuro de industriais conscienciosos e de máquinas e aparelhos aperfeiçoados”. Numa nítida crítica aos apelos protecionistas, freqüentes por parte dos defensores de uma indústria nacional, o artigo atribuía aos aperfeiçoamentos técnicos a causa dos resultados favoráveis apresentados pelo empreendimento: “Não pensam os Srs. Laranja, Silva & Whittaker, que o saibamos, em pedir aos direitos protetores de nossa alfândega os resultados que eles têm a certeza de conseguirem com seus aperfeiçoados e económicos maquinismos”<sup>42</sup>.

Dentre as fábricas têxteis presentes à Exposição de 1881, a Alliança era uma das maiores do país, ficando atrás apenas a Brasil Industrial, conforme dados do Quadro a seguir.

<sup>41</sup> Biblioteca da Associação Industrial, *Archivos (...)*, *op. cit.*, p. XCII.

<sup>42</sup> *Exposição Industrial, Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1881, p. 1.

**Quadro 8**

**FÁBRICAS TÊXTEIS - EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL DE 1881**

FÁBRICA/ PROPRIETÁRIO/ LOCALIZAÇÃO	DATA DE FUNDAÇÃO	FUSOS	TEARES	OPERÁRIOS	FORÇA MOTRIZ (C.v.)	CAPITAL (MIL RÉIS)	PRODUÇÃO ANUAL (M)	CONSUMO ANUAL DE ALGODÃO (KG)
Santo Aleixo (RJ)	1827/1847	5500	110	180	50 (H)	800	900/1.000	240.000 250.000
Petropolitana (RJ)	1873	4580	106	180	110 (H)	500	1.000	300.800
Brasil Industrial (RJ)	1871	20.200	450	400	340 (H) 240 (V)	1.350	3.200	400.000
Aliança (RJ)	1880	5.400	100	210	320 (V)	600	2.000	400.000
Cedro (MG)	1872	1.200	40	130	40 (H) 20 (V)	300	300	250.000
Santo Francisco (SP)	1875	-	80	160	45 (H)	-	-	-
Cachoeira (MG)	1876	1.800	60	130	50 (H) 20 (V)	400	600	270.000
Cia. União Mercantil/ Alagoas	1857	2.500	60	125	35 (H)	300	550	108.000
Rink(RJ)	1879	-	110	130	30 (V)	400	1.500	200.000
Pau Grande (RJ)	1878	1.200	60	110	50 (H)	300	500	

Fonte: Biblioteca da Associação Industrial. *Archivos da Exposição da Indústria Nacional de 1881*. Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1882, pp. LXXXVII-XCVI.

A empresa parece ter se mantido sólida e bem estruturada, passando incólume pelo período de turbulência do Encilhamento. Em 1886, transformou-se numa sociedade anônima passando a denominar-se Companhia de Fiação e Tecidos Aliança. Na Exposição de 1895, já era apontada como a mais importante da cidade do Rio de Janeiro, um exemplo da capacidade industrial do país. Sua produção anual era de 8.220.000 metros de algodão, dispondo de 334 teares para fiação e 914 para tecidos; 7.886 fusos de fiar e 46.986 para tecer, empregava 1.625 operários; seu capital era de 10 mil contos de réis. A empresa adotou uma prática paternalista, traduzida na construção de moradias, criação de uma caixa beneficente, prestação de auxílios médico, farmacêutico,

e outros, na realização de atividades recreativas e manutenção de duas escolas para os filhos de seus empregados<sup>43</sup>.

O trecho a seguir resume o entusiasmo dos defensores da indústria nacional, tendo como referência a situação da empresa Aliança:

*A fábrica Aliança tem direito a ser considerada como um modelo em seu gênero: grandes e espaçosos edifícios; vasto local onde funcionam os maquinismos; o produto é de inegável perfeição, qual é fácil verificar nos morins, nos riscados, etc., os operários bem tratados, alojados em casas que mantém todas as condições higiênicas<sup>44</sup>.*

Embora fosse uma sociedade anônima, supostamente representante de uma fase mais avançada do capitalismo, na prática, os sócios fundadores, José Augusto Laranja e Joaquim Carvalho de Oliveira e Silva, mantinham o controle acionário e a direção. Em 1886, com a saída do primeiro, cresceu a participação dos demais, dentre eles Manoel José da Fonseca, também português, comerciante e ligado ao capital bancário<sup>45</sup>. Portanto, mesmo sendo uma grande empresa, o controle acionário permaneceu nas mãos dos primeiros e mais antigos sócios. Em 1913, Joaquim Carvalho de Oliveira e Silva, um dos sócios fundadores, ainda permanecia na direção da empresa<sup>46</sup>.

No início do século XX, a Aliança era a empresa têxtil de algodão com maior capital aplicado dentre as dez arroladas por Cunha Vasco, possuindo ainda o maior número de fusos, força motriz e operários. Sua produção anual atingia a mais de 12.000 mil metros de algodão, superada apenas pelas Cias. Confiança e Carioca. Seu consumo anual de quilos

<sup>43</sup> Cardoso, A. Lopes, *op. cit.*, pp. 49-56. Brasil. Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. *Relatório (...)*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1896, pp. 24-25.

<sup>44</sup> Cardoso, A. L., *op. cit.*, p. 56.

<sup>45</sup> Monteiro, Ana M. F. da Costa, *op. cit.*, p. 147.

<sup>46</sup> Lloyd, R. *Impressões do Brasil (...)*, *op. cit.*, p. 394.

Empresas têxteis no Rio de Janeiro

de algodão, de 1.562.000, era inferior somente ao da Cia. Confiança Industrial.

O quadro a seguir permite uma avaliação comparativa das fábricas têxteis existentes na cidade do Rio de Janeiro em 1905.

**Quadro 9**  
**FÁBRICAS TÊXTEIS DO DISTRITO FEDERAL - 1905**

FÁBRICAS	CAPITAIS	FUSOS	TEARES	FORÇA MOTRIZ (C.v.)		OPERÁ.	PRODUÇÃO ANUAL
				VAPOR	HID.		
Cia. Carcovado	5270	18000	806	1400		786	10.000,000
Cia. Carioca	6258	32000	1067	1243		1163	14.000,000
Cia. Aliança	11861	56390	1336	2000		1637	12.599,968
Cia. Confiança Ind.	10285	37800	1500	1650		1280	17.000,000
Cia. América Fabril	5400	27670	1100	800	250	1320	10.000,000
Cia. Sta. Maria	300		64	150		150	6.000,000
Cia. Prog. Ind. do Brasil	11159	37340	1247	1900		280	11.000,000
Cia. Nac. de T. de Linho	1500		240	350		8216	
TOTAL	52033	209200	7360	9493	250	14832	80.590,968

Fonte: Vasco, Cunha, *A Indústria de Algodão*, in Centro Industrial do Brasil, *Boletim do Centro Industrial do Brasil*, Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Comércio, 1905, pp. 363-384. Vol. 1, 1904-1905.

A Aliança, conservadora em termos gerenciais até o início da Primeira Guerra, deu continuidade a sua estratégia de modernização tecnológica. Esta aparece, por exemplo, quando da substituição da força motriz a vapor pela eletricidade fornecida por terceiros, no caso pela concessionária canadense The Rio de Janeiro Tramway Light and Power. A partir de 1908, quando os serviços de fornecimento de energia elétrica foram regularizados, o uso desta forma de potência por parte dos estabelecimentos fabris da cidade tomou-se generalizado, em particular nas tecelagens de algodão. Stein assinalou que por volta de 1910 as fábricas têxteis, com uma exceção, havia contratado o fornecimento de energia

elétrica<sup>47</sup>.

A Cia. Alliança, cuja produção alcançava naquela data mais de 10 mil metros de panos, empregava, de forma combinada, o vapor e a eletricidade. A força a vapor totalizava 2140 CV, enquanto que os motores elétricos somavam uma força correspondente a 3488 CV. Cinco anos após já empregava exclusivamente a energia elétrica<sup>48</sup>.

O quadro a seguir ilustra esta mudança tecnológica ocorrida na Alliança e nas demais fábricas têxteis do Rio de Janeiro entre 1905 e 1915.

**Quadro 10**  
FÁBRICAS DE FIAÇÃO E TECELAGEM EM ALGODÃO DO DISTRITO FEDERAL EM 1905 e 1915 - FORÇA MOTRIZ (C.V.)

Nomes / Proprietários	1905		1915
	Vapor	Água	Electricidade
Cia. de Fiação e Tecidos Corcovado	1400		1850
Cia. de Fiação e Tecidos Aliança	2000		2582
Cia. de Fiação e Tecidos Carioca	1243		1500
Cia. de Fiação e Tecidos Confiança Industrial	1650		2500
Cia. América Fabril (*1)	800		4755/450 (Água)
Cia. Progresso Industrial do Brasil	1900	(250HYD)	4076
Fab. de Tecidos de Linho e Algodão (*2)	350		-
Fab. Sta. Maria	150		-
Fab. Sta. Heloísa	100 (*3)		750
Cia. de Tecidos D. Anna	-		150CV (Vapor)
Cia. Estrella	80 (*3)		80CV (Vapor)
Cia. de Tecidos Esperança	-		278
Cia. de Fiação e Tecidos Andarahy	-		2000
Cia. de Fiação e Tecidos São Felix	120 (*3)		400
Cia. Tecidos de Linho Sapopemba	350 (*3)		7541

Fonte: Vasco, Cunha, *op. cit.*, Centro Industrial do Brasil. *O Brasil, suas riquezas, (...). Idem, O Centro Industrial na Conferência Algodoeira, Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio, 1917, p. 137 e segs..* (\*1)- 3 Fábricas em 1905; 4 fábricas em 1915. (\*2) - Em liquidação. (\*3) - Dados de 1907.

<sup>47</sup> Stein, S., *op. cit.*, p. 108 e 238.

<sup>48</sup> Lloyd, R., *op. cit.*, pp. 392-394.

### **Companhia de Fiação e Tecidos Corcovado**

A criação da Companhia ocorreu durante o Encilhamento, tendo como incorporadores o Visconde de Figueiredo e Candido da Cunha Sotto Maior. A exemplo de outras sociedades, repetiu-se a aliança entre os capitais comercial e bancário, pois, na mesma ocasião, o Visconde Figueiredo fundara o Banco Nacional do Brasil. O outro sócio era diretor da firma Sotto Maior & Cia., que importava e vendia tecidos<sup>49</sup>.

A criação da Corcovado confirma a observação de Stein sobre os capitais, a experiência e o conhecimento do mercado de tecidos do país pelos importadores portugueses. A firma Sotto Maior era a principal acionista da Cia. Aliança, com 25% do capital, sendo que, dos 80 sócios, 55 eram portugueses<sup>50</sup>.

As atividades da Companhia foram iniciadas em 1894. Presente na Exposição Industrial do ano seguinte, a Corcovado possuía 480 trabalhadores, dispunha de 500 teares e 11.575 fusos, sendo sua produção anual de 7.000.000 metros de tecidos<sup>51</sup>.

No início do século XX, a empresa já apresentava sinais de crescimento, com uma produção anual de tecidos crús e de linho superior a 10 mil toneladas. Entre 1905 e 1915, o número de fusos aumentou para 26.320, enquanto que o de teares era 1.224, contando com 1.200 operários. Nesse último ano já havia abandonado o uso do vapor, empregando a eletricidade como força motriz, cujos motores totalizavam 1.850 CV de potência. A eletricidade era também usada na iluminação dos três edifícios que formavam o estabelecimento. A mudança parecia ter

<sup>49</sup> Lloyd, R., *Impressões do Brasil (...)*, op. cit., p. 394. Monteiro, A. M. F. da Costa, op. cit., p. 239-251.

<sup>50</sup> Monteiro, A. M. F. da Costa, op. cit., pp. 239-251. Stein, S., op. cit., p. 82.

<sup>51</sup> Brasil. Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. *Relatório (...)*, op. cit.,

agradado os dirigentes. No Relatório apresentado aos acionistas em 1915, foi registrada a satisfação com os serviços da Light, cujo fornecimento de energia elétrica havia sido regular durante todo o ano<sup>52</sup>.

A preocupação com a modernização técnica e ampliação de suas instalações e atividades marcou a estratégia empresarial da Corcovado. Suas máquinas eram importadas dos mais tradicionais fabricantes estrangeiros, especialmente de Platt Brothers & Co. e Henry Livesey. A fábrica era dotada de seções de tinturaria, alvejamento e acabamento, além de enfardar e encaixotar seus produtos destinados à venda. Contava ainda com uma oficina para reparo dos maquinismos e a realização de outras tarefas<sup>53</sup>.

Outra estratégia empresarial da Corcovado era em relação a seus operários. A empresa mantinha duas escolas diurnas para meninos e meninas e noturna para os adultos. O ensino era gratuito, assim como o fornecimento de material escolar. Havia ainda uma creche para crianças de até 5 anos de idade, armazém e farmácia. Estes estabelecimentos, erguidos com o capital dos operários, eram dirigidos pelos chefes da empresa que, semestralmente, distribuíam os lucros advindos dos negócios. Havia ainda três sociedades assistenciais, um prédio para recreações e 140 casas alugadas a um preço inferior ao da vizinhança<sup>54</sup>.

Assentada na tradição paternalista de disciplina e controle do capital sobre a força de trabalho, traduzida no conceito de *fábrica-cidade* (factory-town) apresentado por Gaudemar<sup>55</sup>, tal estratégia encontrava amparo

<sup>52</sup> Companhia de Fiação e Tecidos Corcovado, *Relatório* apresentado à Assembléia Geral Ordinária aos Srs. Acionistas convocada para 25 de março de 1915. Rio de Janeiro, Papelaria Moderna, 1915, p. 12. Vasco, Cunha, *op. cit.*, Lloyd, R., *op. cit.*, loc. cit.; Centro Industrial do Brasil. O Centro Industrial na Conferência (...), *op. cit.*, loc. cit.

<sup>53</sup> Lloyd, R., *Impressões do Brasil no século XX*, *op. cit.*, p. 394.

<sup>54</sup> *Idem, idem.*

<sup>55</sup> Gaudemar, Jean Paul de, *El orden y la producción. Nacimiento y formas de la disciplina de fábrica*, Madrid, Editorial Trotta, 1991, pp. 65-103.

ainda na condições urbanas específicas da cidade do Rio de Janeiro, onde os atrativos para a sobrevivência material não passavam exclusivamente pelo assalariamento.

Em fins do século XIX e início do XX, a então capital da República sofreu, em suas áreas centrais, um processo de concentração populacional, resultando num agravamento da questão habitacional. M. Abreu considerou, como uma das causas desta situação, a necessidade, em especial da população mais pobre, de residir próxima aos locais de maiores oportunidades de trabalho, uma vez que lá “*podiam ser encontrados os empregos sem lugar fixo, isto é, aqueles referentes aos mais variados tipos de serviços*”<sup>56</sup>.

A construção de vilas operárias, a prestação de serviços assistenciais, a manutenção de armazéns para o fornecimento de alimentos e outros produtos aos trabalhadores, algumas das práticas adotada pela maioria das empresas têxteis do Rio de Janeiro, possuíam vários significados. Tratava-se, antes de tudo, de assegurar o controle sobre as condições de trabalho e do cotidiano dos operários<sup>57</sup>; respondia ainda aos incentivos do governo, através da isenção de direitos de importação; e, além disso, refletia a preocupação do empresariado em preservar sua mão-de-obra diante das epidemias que, freqüentemente, assolavam a cidade do Rio de Janeiro, cujas causas eram atribuídas às péssimas condições de salubridade locais<sup>58</sup>.

<sup>56</sup> Abreu, Maurício A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*, 3.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, IPLANRIO, 1997, p. 49 e segs.

<sup>57</sup> Ver: Gorz, André et alii, *Crítica da divisão de trabalho*, 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Martins Fontes, 1989. Debouzy, Marianne (dir.), *Paternalismo d' hier et d'aujourd'hui. Le Mouvement Sociale*, 144, juillet-septembre, 1989, Paris, Les Éditions Ouvrières.

<sup>58</sup> Stein, S., *op. cit.*, p. 68-76; Abreu, M. A., *op. cit.*, p. 54-59 Weid e Bastos, *op. cit.*, pp. 56-64.

### **Considerações finais**

As características das três empresas selecionadas permitem algumas considerações gerais à guisa de conclusão sobre a participação de empresários portugueses no processo de industrialização do Rio de Janeiro.

Em primeiro lugar foi observada a presença de comerciantes portugueses, ligados à importação de tecidos e roupas, que se tomaram acionistas e dirigentes de estabelecimentos fabris do ramo têxtil de algodão. Tal aspecto explica-se pela tradição da migração portuguesa para o Brasil e por sua preferência por ambientes urbanos. Neste sentido, o Rio de Janeiro, por seu caráter cosmopolita, foi um importante polo de atração à emigração e enraizamento dos interesses comerciais e industriais lusitanos.

Em segundo lugar, as grandes empresas têxteis de algodão locais, ao estabelecerem, desde suas origens, fortes vínculos com o capital comercial, percorreram a chamada “via não-revolucionária” em direção à industrialização, segundo a definição de Karl Marx. O controle e a administração dos negócios permaneceram, por longo tempo, nas mãos dos sócios fundadores, não sendo evidenciadas descentralizações administrativas seguindo padrão indicado por Alfred D. Chandler.

Em terceiro lugar, a transformação do capital comercial em industrial foi estimulada por fatores econômicos e políticos, no contexto da transição de uma sociedade escravista para uma urbano-industrial. Tal fato imprimiu uma feição tradicional ao setor industrial, que permaneceu preso aos investimentos em bens de consumo imediato e à uma ação paternalista do empresariado em relação aos trabalhadores.

Finalmente, os exemplos aqui apresentados, destacaram duas dimensões das estratégias de empresas de capital português do ramo têxtil, no sentido de estender, ampliar e modernizar seus empreendimentos: a busca de inovações tecnológicas e a atribuição de um tratamento paternalista a

*Empresas têxteis, no Rio de Janeiro*

seus empregados. Tais práticas identificavam uma faceta peculiar de uma parcela do empresariado urbano, que buscava conciliar o moderno com o tradicional, ajustadas ao quadro da modernização conservadora, característica do Brasil da *Belle Époque*.